

# Mulher em Ação: o Programa Radiofônico como Prática Educomunicativa

Sandra Raquew dos Santos Azevedo \*

## Índice

1 A trajetória política dessas mulheres	3
2 No ar o Mulher em Ação	4
3 Intercambiando leituras e aprendizagens no campo da Educomunicação	7
4 Bibliografia	11

## Resumo

O Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo Paraibano surge no começo da década de 1980 objetivando de organizar e fortalecer as mulheres trabalhadoras rurais como sujeito coletivo importante, sensibilizando-as para as questões de gênero, na luta por melhores condições de vida no campo. Assumindo um compromisso com a defesa dos direitos femininos elas produzem o *Programa Mulher em Ação*, no qual veiculam informações que visam melhorar o nível de consciência das mulheres. Visto como uma prática educomunicativa o *Mulher em Ação* revela as múltiplas aprendizagens que emergem da participação delas no rádio e implicam em resignificar seu corpo de mulher, sua participação na sociedade e seu jeito de fazer comunicação,

\*Jornalista e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba.

afirmando a importância de sua fala na produção de novos sentidos sobre si mesmas e seu modo de estar no mundo.

## Palavras-chave

Gênero, Educomunicação, Rádio.

## Introdução

O presente artigo discute nuances importantes de processos comunicacionais, a saber, as particularidades que eles apresentam quando se realizam dentro de contextos específicos, de condições de produção próprias, que necessariamente não perpassam a dinâmica dos grandes meios de comunicação de massa. Ao entrar em contato mais profundo com a experiência do programa radiofônico *Mulher em Ação*, realizado por mulheres trabalhadoras rurais da região do Brejo Paraibano, tive o privilégio de não só conviver com elas, mas a partir de suas experiências como educadoras, refletir melhor sobre minha prática como jornalista e pesquisadora. Compreende-se por educadoras (as), segundo SOARES (1999: 58), as pessoas que atuam num campo de vigência de uma comunicação mediática carregada de intencionalidade educativa. No contexto do *Mulher em Ação*, durante o trajeto de pro-

dução e execução do programa, elas foram construindo em torno de si o perfil de educadoras.

O Programa *Mulher em Ação* nos convida a pensar sobre o diálogo entre dois campos de conhecimento que são comunicação e educação ao se tornar um instrumento pedagógico que, produzido por mulheres, estimula mulheres e homens a semear relações mais igualitárias.

Com a intenção de “melhorar o nível de consciência das mulheres trabalhadoras, denunciar as injustiças, ajudando as mulheres a esclarecer seus direitos”<sup>1</sup> é estruturado um programa cujo enfoque e formato priorizam a identidade feminina.

Tendo surgido no início dos anos 90, por iniciativa do Movimento de Mulheres Trabalhadoras, o *Mulher em Ação* nasceu, segundo suas produtoras, da “necessidade de criar uma espaço para ter uma contato mais ampliado com as mulheres. A partir de uma consulta a aproximadamente cem sócias, representando de 10 a 12 municípios do Brejo Paraibano, o Programa foi criando formato próprio”<sup>2</sup>.

O Programa é organizado em formato revista<sup>3</sup>, inicialmente ocupando 15 minutos de

<sup>1</sup> Transcrição do Primeiro Programa **Mulher em Ação**. Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano. Pípirituba, 1990.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> Programa que reúne aspectos informativos e de entretenimento. De acordo com FERRARETO, engloba da prestação de serviços à execução de músicas, passando por temas diversificados como notícias, entrevistas, espaços voltados ao lazer, à cultura, intercalados, algumas vezes com orientações na área de Medicina ou de Direito. FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre, Editora Sagra Luzatto, 2001.

veiculação na Rádio Rural de Guarabira<sup>4</sup>. É por meio desta iniciativa que as mulheres do MMT questionam a discriminação contra as mulheres, a violência sexual, o salário desigual, a ineficiência das políticas públicas direcionadas à população feminina e, num processo educacional elas transformam o programa radiofônico num instrumento pedagógico importante para diminuir a invisibilidade das mulheres rurais e de suas ações políticas, contribuindo, entre outras coisas, desconstruir, através da mídia rádio, uma visão de mundo patriarcal.

A categoria gênero perpassa este processo. Para entender um pouco a perspectiva feminista no campo de pesquisa primeiro é preciso afirmar, de acordo com CARVALHO (2003), a relevância dos Estudos da Mulher ou Estudos Feministas nas universidades. Conforme a autora:

A partir da década de 1970 a teorização feminista cresceu e influenciou várias disciplinas entre as quais a história, a filosofia da ciência, a sociologia, a psicologia e a educação, além de formar e educar muitas mulheres. A teorização feminista envolve múltiplas perspectivas teóricas e significados conceituais que têm implicações políticas.(CARVALHO 2003:4)

Minha aproximação com a Teoria Feminista não está situada apenas no âmbito acadêmico, ela surge em momentos anteriores quando conscientemente me sentia desafiada

<sup>4</sup> A Rádio Rural de Guarabira possui caráter comercial e teve início em 3 de janeiro de 1989. Atua na frequência ZYI696, 850 kHz, e alcança só no Brejo Paraibano 23 cidades, além de municípios nos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará. Fica situada à Rua Epitácio Pessoa, nº 08, Centro, Guarabira.

a transformar uma identidade feminina formatada por princípios de desigualdade entre os sexos, me permitindo assim reconhecer o universo do feminino a partir do meu ser mulher, incluso as implicações políticas, as relações de poder, o entendimento do meu corpo e sexualidade, das particularidades que envolvem minha identidade.

Esta experiência, nem sempre tranqüila, encontrou eco, na história de vida de inúmeras mulheres, dentre elas, as do *Movimento de Mulheres Trabalhadoras*, me situando numa direção coletiva de combate à opressão de gênero (em suas múltiplas expressões), e numa trajetória que persegue enquanto princípio ético a equidade entre mulheres e homens.

As mulheres do MMT nos falam sobre etapas e processos de formação/aprendizagem, não muito convencionais, formais ou explícitos que nos apresentam uma via onde o político e o pessoal dialogam e mostram de quem modo à inter-relação educação-comunicação se atravessam, atestam a riqueza de religar os saberes e contribuem para a superação de violências simbólicas.

## 1 A trajetória política dessas mulheres

A origem do MMT está ligada à Pastoral Rural, vinculada à Diocese de Guarabira<sup>5</sup>. O Setor de Mulheres desta Pastoral tornou possível a mobilização de outras mulheres para algumas bandeiras de luta, a exemplo da

<sup>5</sup> Cidade que integra a Região do Brejo Paraibano. Guarabira possui, segundo o Censo 2000, 51.482 habitantes, sendo 24.760 homens e 26.722 mulheres. Destes, 7.412 vivem na Zona Rural e 44.068 na Zona Urbana.

luta pela terra, pela sindicalização da mulher, e incentivou a assumirem ações próprias, como por exemplo, a celebração do Dia Internacional da Mulher.

Inicialmente as primeiras interessadas em formar um grupo saíram pelos sítios da região na tentativa de articular outras camponesas. Para enfrentar a resistência das mulheres em participar de um grupo e conquistar sua confiança, as integrantes do Movimento usavam do pretexto de ir rezar nos sítios no intuito de permanecerem nas casas e “puxarem” conversa com as “comadres” sobre a possibilidade de formarem um grupo de mulheres que discutiria sua realidade de mulher trabalhadora rural.

O embate no tocante aos problemas e conflitos levantados pelas mulheres criou um processo de formação e mobilização entre as trabalhadoras rurais que culminou com a criação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais.

De acordo com seu Estatuto, o MMT é uma associação, sem fins lucrativos, filantrópica, não confessional com sede na cidade de Pirpirituba, Paraíba. Seu trabalho abrange em torno de 23 municípios e existe para promover o desenvolvimento das mulheres, no trabalho, família e outros espaços de produção social. A sua estrutura comportava, na década de 1980, grupos nos sítios, grupos nos conflitos de terra, grupos nos sindicatos, grupos de produção artesanal, pequenas produtoras, lavadeiras e empregadas domésticas, grupos de produção agrícola e alimentar, grupos em nível de municípios, de alfabetização de adultos, de saúde, canavieiras e professoras.

Desde seu surgimento, em 1982, as mulheres do MMT têm atuado no sentido de ampliar sua participação na esfera pública,

não deixando de expressar o caráter reivindicatório e propositivo do grupo na busca por igualdade de condições e representação feminina.

É importante destacar que o olhar sobre a questão de gênero, na dinâmica deste segmento, aponta para um lugar contrário às polaridades masculino e feminino. De acordo com OLIVEIRA (2002), numa história em curso, as mulheres do MMT reelaboram sua identidade tendo como referência à revisão dos valores femininos, seja na família, seja na comunidade, como ponto de partida para a defesa das condições de existência da população rural.

## 2 No ar o Mulher em Ação

No dia 5 de janeiro de 1990 as mulheres do MMT iniciam sua trajetória nas *ondas do rádio*. O Programa surge com o objetivo de “melhorar o nível de consciência das mulheres trabalhadoras e ser um espaço de denúncia das injustiças cometidas contra as mulheres, espera-se que o programa irradie uma verdadeira ação das mulheres contra qualquer discriminação e injustiça”<sup>6</sup>.

É por meio do *Mulher em Ação* que elas constituem em torno de si uma estratégia de comunicação que constrói um *modus comunicandi* diferente. Ele diz respeito a uma modalidade de participação feminina que se diferencia da mulher ouvinte de rádio, da mulher consumidora dos produtos propagados pelo rádio a uma parcela da população feminina.

Do lugar doméstico de ouvinte à partici-

pação como cantora, locutora e produtora, a sociedade contemporânea testemunha, segundo CORAZZA (2000:13), uma revolução cultural, que altera práticas culturais do cotidiano de mulheres e homens, despertando novos modos de perceber o mundo, novas sensibilidades e novas formas de dar sentido à vida.

O *Programa* não é uma produção radiofônica destinada a um público feminino apenas, é sim um lugar de reinventar o cotidiano delas, que nasce de uma necessidade de comunicação entre as sócias do Movimento e transforma-se, ao longo do tempo, num instrumento político significativo para o fortalecer a identidade da mulher trabalhadora rural. O depoimento de A.C. S., de 58 anos, fala sobre isto:

Eu queria era dar o meu recado, eu queria era que as pessoas me entendessem, que ouvissem, que aprendessem também e se conscientizassem, porque o Programa de Rádio era assim, ele era muito bom na consciência, na conscientização. Porque de acordo com os assuntos do momento a gente queria que todo mundo acompanhasse aquilo. Por exemplo, na documentação, nenhuma trabalhadora rural sem documento, o que é que é isso? Qual o documento que precisa? Então a gente, eu tinha o maior prazer de fazer isso, porque eu queria que as outras mulheres se conscientizassem, principalmente as trabalhadoras rurais, eu tinha e tenho essa preferência. Porque de fato a trabalhadora rural é muito excluída. Até nisso ela se sente com vergonha, não se sente gente, acha que mulher não é gente porque não tem uma formação. Trabalha direto e ainda diz que não trabalha,

<sup>6</sup> Transcrição da fita do primeiro programa Mulher em Ação. Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Pirpirituba, 1990, mimeo.

então eu fazia o possível pra que isso fosse esclarecido **no ar**, porque eu também sou uma trabalhadora rural e mulher tem valor, trabalhadora rural tem valor e nenhum trabalho nos torna uma pessoa feia, todo trabalho é digno. Eu gostava muito de falar da terra, eu nasci, posso dizer dentro de uma luta, de um conflito de terra. Então eu queria muito que as trabalhadoras rurais, englobando na luta pela terra, elas se conscientizasse disso, que ela tinha direito de lutar por uma reforma agrária, que terra não era presente de Governo, nem de ninguém, mas que era uma conquista, terra não se ganhava, se conquistava. Então eu gostava e gosto de falar do assunto terra. Mas aí foi nascendo as outras necessidades, depois que a gente ia conquistando a terra, precisava ter uma organização, que dissesse a nossa identidade. Qual é nossa profissão? Então eu gostava muito de dizer pra trabalhadora rural que ela tinha que assumir que a profissão era trabalhadora rural e não doméstica, nem dona de casa. E que a gente era trabalhadora porque trabalhava a vida inteira, nem tinha férias, nem nada assim: hoje eu não faço nada porque é domingo ou dia santo. Não tinha férias nem dia santo, a gente trabalha direto, tem que se assumir como uma trabalhadora mesmo e não ter vergonha de assumir a profissão, de ser rural, porque se eu tô trabalhando lá no campo, seja mudando cabra, seja trabalhando no roçado, cuidando da casa, eu sou uma trabalhadora rural, eu tô contribuindo pro meio rural.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Entrevista concedida a autora por integrantes do MMT sobre o Programa Radiofônico Mulher em

O *Mulher em Ação* é gerado nessa perspectiva que nos situa Dona A.C. S, buscando fortalecer a auto estima e o reconhecimento social da trabalhadora rural, falando a partir dela, de seu contexto social, de sua condição feminina. Assim é produzindo um evento comunicacional que cria em torno de si uma identidade vinculada ao jeito de ser dessas mulheres e suas experiências. Para que ele pudesse expressar isto, as mulheres do MMT pautam o *Programa* abordando a realidade da mulher trabalhadora rural. De acordo com CRUZ (1999:109) ser agricultora é para a mulher do MMT é:

Uma condição que a aproxima da luta pela posse da terra. Trabalhar e viver da terra asseguram o poder político da mulher, dá consistência a cada uma delas no processo de conquista da terra como um direito. Para as trabalhadoras e trabalhadores do campo, a terra é o seu território, seu espaço de produção, de moradia, seu espaço psicológico, cultural e social.

Embora também discutam assuntos mais gerais como política, saúde e educação, elas fazem com que estes temas adquiram um enfoque de gênero quando, segundo MATA (1997: 28):

A busca de uma palavra de mulher não só aludiria ao feminino de expressar-se em igualdade de circunstância e similares condições de possibilidade que os homens, senão a elaboração de um discurso que, recuperando marcas de gênero, jamais essenciais mas construídas histórica e socialmente, as reconheça

Ação nos dias 14 e 15 de dezembro de 2002, durante Assembléia Geral do Movimento, realizada em Guarabira.

como próprias e válidas. Um discurso que merece ser falado publicamente, mesmo que venha do território privado, íntimo, pessoal ou justamente por vir deste território, recuperando assim as idéias de integralidade dos seres humanos.

O nome *Mulher em Ação* refere-se ao fato da iniciativa partir das mulheres engajadas na luta. Elaborado por mulheres, mas destinado a mulheres e homens, o programa, logo de início, assume uma informação que anuncia e enuncia a defesa dos direitos das mulheres enquanto exercício de cidadania. O Programa que inicialmente tinha quinze minutos, passando a ter trinta minutos de duração, apresentava os seguintes blocos de assuntos: direitos da mulher; violência contra a mulher; educação dos filhos, saúde da mulher e da criança.

Os temas tratados eram introduzidos pelas leituras de carta de mulheres solicitando informações sobre a temática do dia. Para discutir e aprofundá-los contava-se com a participação de uma especialista na área indicada ou se pesquisava informações sobre o assunto. Desse modo o Programa se torna um espaço relevante para intercambiar informações no intuito de conscientizar as mulheres sobre sua cidadania: denunciando casos de violência contra a mulher, trazendo informações sobre seus direitos civis, reprodutivos e trabalhistas, refletindo sobre a experiência de vida da mulher do campo, através de debates, notícias, campanhas sobre sindicalização e acesso à documentação da terra, saúde sexual e reprodutiva:

“Estamos aqui para continuarmos a esclarecer a você tudo que você mulher tem direito, e te ajudar na defesa

das agressões e ameaças que você recebe dentro do seu lar, dentro de sua casa. Você mulher que tem problemas, que tem dificuldade de colocar seu problema, sua dificuldade, aqui no nosso programa Mulher em Ação nós levamos ao ar sua carinha, inclusive porque quando uma mulher recebe violência, agressão, não deve ficar só dentro da sua casa, mas deve levar aos meios de comunicação, deve denunciar seu caso de violência” (Trecho do Programa Mulher em Ação datado de 31 de março de 1990).

Daí, o entendimento de que “fazer gênero no rádio”<sup>8</sup> é também tomar consciência deste instrumento político importante para dar maior visibilidade e fortalecer experiências do movimento de mulheres. As mulheres do MMT bem sabem da diferença que essas informações fazem em suas vidas e as transformações que provocam:

“Eu escutava o Programa porque era interessante. A gente aprende mais, sabe mais sobre as mulheres, as mulheres que tem liberdade. Porque tem muita mulher escravizada ainda sabe? Aquele Programa foi quem me desescravizou do meu marido, ajudou pra eu me libertar, hoje sou uma mulher liberta” (M. J.A., 60 anos, do município de Pirpirituba)  
“Depois de escutar o Programa eu ficava entendendo mais, as palavras, o que

<sup>8</sup> Termo utilizado pelas rádio-apaixonadas que formam a Rede de Mulheres no Rádio. A Rede de Mulheres no Rádio surgiu do trabalho do Centro de Projetos da Mulher através da capacitação de mulheres para atuar em emissoras comerciais e/ou comunitárias, também em programas radiofônicos realizadas pelo CEMINA. Atualmente cerca de 400 mulheres de todo Brasil participam dessa Rede.

passava com as mulheres, o direito da mulher né? Entendia mais. E que eu gostava é que eu aprendia o valor da mulher, vi como era que as mulheres de hoje estão”. (T. A., 64 Anos, município de Pirituba)

“O Programa tinha essa força de transmitir essa alegria pras pessoas. Por isso a gente mandava lembrança pra Maria Preta, Dona Josefa, tinha aquele jeito mesmo de falar no nome das pessoas, pra que elas se sentissem donas daquela história. Ah! Eu também sou gente, faço parte desse Movimento” (A.C.S., 58 anos, município de Araruna)

Por isto concordo com SOUSA (2000:11) quando afirma que “não basta só reconhecer a diferença homem-mulher e a desigualdade advinda disso, no processo da vida, ou apenas fazer contraposição da mulher no contexto de uma dominação hegemonicamente masculina, mas buscar caminhar por onde esse lugar social da mulher se define, e onde encontra seu espaço social e político de autonomia de viver”.

Entendo assim que o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo, especialmente por meio do Programa Radiofônico *Mulher em Ação*, gera espaços de significação das relações de poder, politicamente importantes para “perceber novas formas de dar sentido à vida, lançarmos novos olhares sobre os estudos da comunicação mediada e para o reconhecimento de que as práticas sociais são permanentemente ressignificadas” (CORAZZA: 2000).

### 3 Intercambiando leituras e aprendizagens no campo da Educomunicação

A discussão da inter-relação educação-comunicação não é recente. Há tempos que teóricos e profissionais de ambos campos de conhecimento têm dialogado no sentido de promoverem uma maior interacionalidade entre eles. Seguindo o pensamento de BRAGA & CALAZANS (2001) nenhum assunto ou questão observada na sociedade pode-se dizer inteiramente alheia à questão educacional, pois tudo pode ser objeto de ensino-aprendizagem, e a cada invenção tecnológica a sociedade atribui aos processos comunicacionais uma expectativa educacional.

Um dos pioneiros nas reflexões sobre a inter-relação educação comunicação na América Latina foi Paulo Freire. De acordo com COGO (2000) é marcante a influência de FREIRE como um dos pioneiros nas reflexões sobre a inter-relação educação-comunicação na América Latina, dentro dos estudos sobre comunicação rural, bem como no ensino e na pesquisa em comunicação social. Em FREIRE a educação é comunicação e diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro dos sujeitos interlocutores que buscam a construção dos significados.

Na década de 1980, de acordo com SOARES (1999), a explicitação da Teoria das Mediações<sup>9</sup>, especialmente por Jesús Martin-Barbero (2003), permitiu uma visão

<sup>9</sup> De acordo com BERGER (2001) a constatação da necessidade, primeiro, de revisões e de releituras no campo da comunicação dão a tônica do processo de formulação da Teoria das Mediações, em que cabe a cultura o papel de mediação social e teórica da co-

mais lúcida dos processos de recepção, promovendo importante mudança na pedagogia da educação para compreender a dinâmica dos meios de comunicação. Esse enfoque possibilitou deslocamentos significativos. Para Ismar Soares essa Teoria defende que tanto os média exercem uma função de intermediação na produção da cultura, quanto o próprio fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade tais como a família, a escola, os grupos de amizade, a igreja, entre tantos outros.

A contribuição da Teoria das Mediações para aproximar as relações entre comunicação, educação e cultura é também defendida por COGO (2000) e seus desdobramentos refletem-se nos Estudos Culturais. Ao seu ver essa vertente assumiu sua especificidade no contexto latino-americano no final da década de 1980 através dos trabalhos de Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez, cujas reflexões enfocam a educação para a recepção ou a educação para os meios de comunicação e indicam uma trajetória comum:

A compreensão da comunicação no marco dos processos da cultura em que a compreensão do fenômeno comunicativo não se esgota em conceitos e critérios como canais, códigos, mensagens, informação. O entendimento da comunicação é reorientado a uma revalorização do universo cultural e do cotidiano no campo da recepção das mensagens difundidas pelos meios massivos de comunicação. Suscetíveis de muitas interpretações, essas mensagens são mais do que nunca

comunicação com o popular, com a vida cotidiana, com os meios.

eminentemente polissêmicas e seus sentidos ou significados “negociados” na esfera da recepção. (COGO 2000:33)

Na perspectiva de revalorização do universo cultural, conforme explicita COGO, se pode afirmar que as informações veiculadas no *Mulher em Ação* expressam a valorização do cotidiano das mulheres trabalhadoras rurais, na medida em que elas tomam como referência sua história de vida ao assumir o desafio da produção do Programa:

“Eu falava no Rádio aquilo que eu vivia, na prática da minha vida. Com isso eu achei que foi um grande desenvolvimento. Eu achei que foi um grande desenvolvimento”. Por que antes do Programa ou de participar de alguma coisa eu pensava que só quem falava em rádio ou na rádio ou no microfone eram pessoas formadas, pessoas que tinham estudado em escolas, nos livros e eu participei também do Programa Mulher em Ação e fiz vários programas, fui a vários programas e fiquei conhecendo que, e consciente que o Programa de Rádio, ou a rádio, ou o microfone não é só pra pessoas que são letradas. É, não há uma universidade maior no meu pensamento do que a convivência do dia-a-dia. A convivência da gente, o nosso dia-a-dia já é um estudo, já é uma aula, então eu me sinto uma pessoa assim, porque não fui pra escola, porque não fiz curso, esse ou aquele outro, na teoria, mas na prática eu tenho curso também. Na prática eu também sou uma pessoa capaz, fui capaz na época de desenvolver vários programas de rádio. Não é só lendo que a gente faz as coisas. Eu fiz vários programas de rádio sem precisar levar nada copiado, achava melhor



falar no Rádio. Esse era um programa baseado na realidade da vida da gente, para a vida da gente, para a vida de todas as pessoas que estavam escutando “(A.C. S.).

“A mulherada estava mais afinada nos acontecimentos porque através do Programa ficavam sabendo de tudo. E quando acontecia um ato de violência com uma companheira e chegava ao nosso conhecimento a gente debatia aquele assunto lá dentro e mostrava que o homem não era dono da verdade, que a mulher não é empregada dele, mesmo a esposa, ela não é propriedade de ninguém” (S. L.).

Percebo então, a partir do testemunho das mulheres do MMT, o programa radiofônico *Mulher em Ação* enquanto uma prática educacional, na medida em que, produzido pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras MMT, como espaço educativo não formal, configura interesses e demandas de aprendizagens situadas na dinâmica de um movimento social. Nesse projeto de gestão comunicacional que é o *Mulher em Ação*, elas planejam e executam processos e procedimentos que se articulam no âmbito da Comunicação/Educação/Cultura, no qual trabalham as relações de gênero. Concordamos com VARGAS (1995:21-23) em sua afirmação:

La construcción social de los intereses de aprendizaje( que pueden o no expresarse como demandas de aprendizaje), implica la subjetivación de los sujetos, de su realidad social y sus representaciones de la misma. Los intereses y/o demandas de aprendizaje de las mujeres, tanto dentro como fuera del sistema educativo, deben

entenderse como un proceso de construcción múltiple y diverso que apunta, a su vez, a una diversidad de identidades femeninas entre diferentes mujeres e incluso en una misma mujer.

A autora considera que na escola, família e meios de comunicação, a problemática de construção de interesses e demandas de aprendizagens adquire características particulares. Para SOARES (2002) o conceito da Educomunicação pode ser entendido como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas centro culturais, emissoras de TV e rádios educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação ou e-learning, e outros.

É nessa prática cultural de produção de um bem simbólico que é gerado um processo educacional que dá conta de múltiplas aprendizagens que não surgiram fruto de um acesso ao sistema formal de ensino, haja vista o fato de que grande parte das mulheres realizadoras do Programa não sabe ler e/ou escrever, e algumas sequer terem concluído o ensino fundamental, conforme os depoimentos abaixo:

“Eu achava muito importante e necessário o Programa. A gente aprendia e ensinava, e a gente mandava mensagem pras pessoas, e o pessoal ficava conhecendo mais o Movimento através desse Programa que nós fazíamos. Ta certo, não tinha lá nenhuma doutora, ninguém formado, nem muita formação, mas tin-

ham as pessoas que tavam bem informado dentro do que acontecia dentro do Movimento e a gente passava aquelas informações para as sócias e para todos os ouvintes e tinha uma boa aceitação, audiência” (M. P.T. S., município de Bananeiras).

“Antes eu tinha medo de pegar um microfone na minha vida, e chegava lá, eles sabiam que nós era mulher, umas pessoa simples, da roça, que tinha filho e chegar um dia a falar numa rádio assim pra muita gente, pra essa região toda. A gente chegava num canto e as pessoas diziam: ah eu escutei você falando no rádio. Pra mim foi muito importante. (A. A. S, município de Cacimba de Dentro)

“No início é um medo muito grande, a gente não sabe fazer, e hoje, a gente sabe que a voz da gente ta no ar. Hoje qualquer coisa que eu quero eu já ligo lá de casa para o programa de outro cara, de um radialista, e ele diz fale dona Céu, e eu já falo o que eu quero, dou um aviso, entro no programa dele, antigamente eu não fazia uma coisa dessa minha filha. De tudo que a gente conversou aqui, a gente aprendeu, desenvolveu formas (M. C. P., Pirpirituba).

“Eu era uma pessoa que não conhecia nada, depois do Programa eu fiquei mais esperta, pro modo de participar das reunião, desses encontros, do movimento das mulher do Brejo. Se eu não participasse do movimento eu não sabia de nada. Eu gostava dos assuntos pras mulher ficar mais por dentro dos seus direitos, ela tendo mais pro dentro de seus direitos ela sabe falar, não tem vergonha de chegar nos cantos, de falar nos cantos com aquelas pessoas formada né. Por eu não ter muita

leitura, eu tinha vergonha de conversar com aquelas pessoas, até que hoje em dia eu sou conhecida de muitas pessoas, porque sou uma pessoa, apesar de não ter leitura sou um pouco desenvolvida devido os encontros e os programas que eu participei” (A. A.).

Esse conjunto de aprendizagens, a exemplo da competência comunicativa evidente na produção do programa, do empoderamento em suas vidas e afirmação sua identidade feminina e de trabalhadora rural, a atitude afirmativa de seus direitos e das políticas públicas para mulheres, entre outros, foram gerados num processo em que a cultura aparece como lócus de aprendizagem. O *Mulher em Ação* em seu caráter educacional representa, portanto, uma prática cultural em que o vínculo entre linguagem e a construção de identidades sociais se evidencia, pois é no interior desse movimento de produção radiofônica que elas também forjam e fortalecem sua identidade de gênero.

O rádio proporciona um descentramento do trabalho do Movimento, um cruzamento de fronteiras, um espaço de troca de fluxos de informações, de saberes, de solidariedade. Sua relevância mostra como o enfoque das relações de gênero no âmbito de produção da cultura midiática é, na minha opinião, precioso, para estabelecer novas políticas de representação social, para compreender as estruturas das desigualdades e as causas da opressão de gênero. Relevante também continua sendo rádio e sua conexão com a oralidade cultural expressiva do mundo rural, reveladora da força de seus símbolos, das suas narrativas, e, como afirmam as mulheres do MMT, “do seu modo de dizer”.

#### 4 Bibliografia

- BACEGA, Maria Aparecida (Org). *Gestão dos Processos Comunicacionais*. São Paulo, Editora Atlas, 2002.
- BERGUER, Crista. A pesquisa em Comunicação na América Latina. IN: HOHLFELDT, Antonio; MARTINHO, Luiz C.; FRANÇA, VERA, Veiga.(Org.). *Teorias da Comunicação: conceitos, tendência e debates*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BRAGA, José Luis, & CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação*. São Paulo, Hacker Editora, 2001.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. *Educação e Teoria Feminista*. (mimeo) João Pessoa, 2003.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação: aproximações*. IN: BACEGA, Maria Aparecida (Org). *Gestão dos Processos Comunicacionais*. São Paulo, Editora Atlas, 2002.
- COGO, Denise Da comunicação Rural aos estudos de audiência. Rastros. Revista do Necom. Ano I. Nº 01 Joinville, Santa Catarina, 2000.
- CORAZZA, Helena. *Comunicação e Relação de Gênero em Práticas Radiofônicas*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CRUZ, Lindalva Alves. *A Emergência da Mulher Enquanto Sujeito Político e Coletivo na História do M.M.T. /PB*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis,RJ: Vozes, 1999.
- MATA, Maria Cristina (org). *Mulher e Rádio Popular*. Manuais de Comunicação Nº 11. ALER-Brasil, São Paulo: Paulinas, 1997.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 2003.
- MURARO, Rose Marie. *Textos da Fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. *Et all. Grupos de mulheres na Paraíba: retratos de uma história*. Cunha -Coletivo Feminista. João Pessoa: Textoarte Editora, 2001.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. *Relatório sobre o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo* (mimeo) João Pessoa, 2002.
- PERUZZO, Cicilia Maria Kroling. *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*, Petrópolis,RJ: Vozes, 1998.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discorso*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- PROGRAMA MULHER EM AÇÃO. Transcrição dos primeiros programas que foram ao ar pela Rádio Rural de Guarabira. Documentação do Movimento

de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo Paraibano, Pirpirituba, 1990.

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad e Fapesb, 2002.

SOARES, Ismar Gomes. *Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina*. IN: BACEGA, Maria Aparecida (Org). *Gestão dos Processos Comunicacionais*. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

SOARES, Ismar Gomes. *Comunicação-educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Revista Contato, Ano I, nº 02. Jan/Mar. Brasília, 1999.

SOUSA, Mauro Wilson de. IN: CORAZZA, Helena. *Comunicação e Relação de Gênero em Práticas Radiofônicas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

VARGAS, Virgínia *et ali*. *Necesidades básicas de aprendizaje : proyectos educativos y campo de aprendizaje de las mujeres*. Revista La Piragua. Nº 10. 1995. Santiago, Chile.